

A síndrome dos Cieps

Educação

23 SET 1986

O GLOBO

ARLINDO LOPES CORRÊA

De repente um Estado inteiro está discutindo os Cieps, cega e apaixonadamente. É uma curiosa doença que ataca as pessoas especialmente às vésperas das eleições. Parece coisa do Diabo que tranqüilamente reina no caos, enquanto nós, pobres mortais, nos preocupamos com esse autêntico "Bezerro de Ouro" que ele mandou fabricar com o nosso dinheiro e expõe fulgurante, à beira dos caminhos, para nos fazer esquecer o essencial.

Com a "Síndrome dos Cieps" o debate político fica esquizofrênico e nos faz ignorar e até rejeitar a realidade, com as muitas pragas que se abatem sobre nós.

Voltamos aos tempos bíblicos. O Rio de Janeiro pouco fica a dever ao Egito, flagelado pela teimosia do Faraó que desobedecia ao Senhor e perseguia o povo eleito.

Não nos falta, por exemplo, a praga das rãs: "as rãs assaltar-te-ão a ti, o teu povo e a todos os teus servidores; subirão para invadir a tua casa, o teu quarto, o teu leito..." E aí estão, soltos, os 100 mil "cidadãos" já com mandato de prisão, dominando as ruas e aos poucos se apossando dos nossos próprios lares. As estatísticas da criminalidade cresceram assustadoramente a partir de 1983. Mas estranhamente caiu o número de prisões. Em 1982 a Polícia prendeu 24.780 "cidadãos"; em 1983, desestimulada e cerceada, apenas 19.043. Mas os Cieps nos fazem esquecer a grave questão da segurança...

Os mosquitos também vieram. Por falta de saneamento básico, da luxuosa Barra da Tijuca à abandonada Baixada Fluminense, "os mosquitos caíram sobre os homens e sobre os animais". O Governo brigou com o BNH — vocês se lembram? — e nós recebemos os flebotomos e "aedes" de todas as procedências: do Egito (por coincidência) até o "tigre asiático". Com eles vieram o dengue e a "leishmaniose" e passou a pairar sobre nós a ameaça da febre amarela e da encefalite. Enquanto isso, a Secretaria Estadual de Saúde brigava também com a Sucam, sob o pretexto de que o "mosquito é nosso". Mas temos Cieps...

E se o Estado fabrica os doentes, pelo menos não pode ser acusado de curá-los. Os médicos foram submetidos a chefias meramente políticas e as promessas salariais que lhes fizeram, descumpridas. Os hospitais estão doentes, caindo aos pedaços. A mortalidade infantil também aumentou: em 1983 morreram 11.984

crianças com menos de um ano de idade; em 1984 registraram-se 12.046 óbitos nessa mesma faixa etária.

A praga das úlceras não nos poupou: em 1982 existiam 16.616 casos de lepra no Estado; em 1984, os leprosos já chegavam a 19.743.

A agricultura fluminense foi duplamente infeliz e parece ter sido assolada pelos gafanhotos — que comeram as colheitas — e pela peste — que atacou os animais. Nossa Terra Prometida, o Rio de Janeiro, não produz nem um terço dos nossos alimentos. Temos que comprá-los em outros Estados, onde os agricultores são financiados pelo Banerj: quem poupa aqui, paga ali... Aliás os gafanhotos comeram até o cheque verde e o Banerj, coitado, vive no telex, a pedir socorro ao Banco Central. Enquanto na televisão, no rádio e nos jornais insiste em pedir votos, gastando o dinheiro do contribuinte.

Moscas venenosas, felizmente, não as temos. Mas as temos inofensivas em muitas de nossas indústrias — às moscas, repletas de capacidade ociosa e às voltas com o mais cruel esvaziamento econômico dos últimos tempos. Enquanto ficamos a ver navios — ou Cieps — nossa indústria de construção naval já reduziu sua produção a um terço do que era nos bons tempos e de 1982 até hoje perdemos 10 mil empregos só nesse setor.

O granizo ainda não caiu sobre nós. Mas em compensação caímos a todo momento nos buracos de nossas ruas e estradas podres, onde transportes coletivos da pior qualidade, sem manutenção, batem todos os recordes de acidentes.

Das trevas, por exceção, nos salvamos. Um dos raríssimos programas de Governo bem sucedidos no Rio de Janeiro foi: a eletrificação rural e das comunidades de baixa renda, realizada pela Cerj com financiamento do Banco Mundial. Isso mesmo: o Bird, irmão gêmeo do FMI, tão atacado pelo nosso Governador, deu-lhe "uma luz na escuridão"... Realmente um "slogan" felicíssimo, para descrever um Governo de uma obra só...

As águas convertidas em sangue estão à nossa vista: a poluição de rios (Paraíba), lagoas (Araruama e Saquarema) e da Baía de Guanabara. Por falta de saneamento e excesso de siglas (Serla, Feema e Cedae).

Resta a décima praga: "a morte de todos os primogênitos". Mas se as rãs continuarem soltas, se os mosquitos sobreviverem à Sucam etc, etc, etc, não tardaremos a sofrer esse flagelo definitivo.

Os Cieps não nos deixam ver,

nas esquinas, nas praças e sob os viadutos, de dia e de noite, os muitos milhares de deserdados — os menores abandonados e os mendigos — que são o retrato vivo não apenas de uma sociedade pobre, mas também de um Governo incompetente.

Os Cieps cegam-nos até para a própria política educacional do Governo Estadual, quando deveriam ser analisados dentro desse quadro geral.

O debate omite que houve queda no atendimento educacional no Rio de Janeiro. Mas é só consultar as estatísticas. De 1983 para 1984 os alunos das escolas públicas do pré-escolar reduziram-se de 94 mil para 92 mil. No ensino de 2º Grau, de 352 mil matrículas no início de 1983, as escolas fluminenses caíram para 341 mil alunos no início de 1984. Até no ensino superior a educação fluminense encolheu: de 226 mil estudantes no início de 1983, passaram para 211 mil em 1984.

Mas o mais impressionante e assustador é que no próprio ensino de 1º Grau o atual Governo não obteve sucesso: no início de 1983 foram registradas 2.110.000 matrículas nas escolas fluminenses; no início de 1984 essas matrículas haviam sido reduzidas para 2.047.000. Essa queda de atendimento — 63 mil crianças que deixaram de estudar em 1984 — é maior que o número de alunos que estão hoje nos Cieps. Os 58 Cieps em funcionamento atendem, no máximo, a 46 mil alunos!

Mais ainda: a Constituição obriga a que os Sistemas de ensino atendam a todos os brasileiros entre 7 e 14 anos, na escola de 1º Grau. Quando o atual Governo assumiu, em março de 1983, existiam 197 mil crianças fora da escola. No início de 1984 esse número já havia subido para 250 mil. Ao longo de 1984, com a evasão escolar, superou a casa dos 400 mil.

Além disso, Brizola não cumpriu suas promessas aos professores e perseguiu a escola particular.

Como se vê, há muito que discutir, além dos Cieps. Afinal eles atendem a apenas 46 mil alunos, enquanto as outras 4.600 escolas públicas fluminenses de 1º Grau, precárias, recebem 1.400.000 alunos.

Maior que a nossa esquizofrenia, concentrando os debates nos Cieps, só a paranóia do Darcy, afirmando que está realizando o maior programa de educação do Brasil...

Este artigo está sendo republicado hoje por ter saído com incorreções na edição de anteontem.